

Filho, Elio Moroni. Artefatos funerários como fontes para a história de ofícios urbanos artesanais. *GeoGraphos*. [En línea]. Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina (GIECRYAL) de la Universidad de Alicante, 2 de junio de 2016, vol. 7, nº 87 (14), 16 p. [ISSN: 2173-1276] [DL: A 371-2013] [DOI: 10.14198/GEOGRA2016.7.87(14)].



<http://web.ua.es/revista-geographos-giecryal>

Vol. 7. Nº 87 (14)

Año 2016

## **ARTEFATOS FUNERÁRIOS COMO FONTES PARA A HISTÓRIA DE OFÍCIOS URBANOS ARTESANAIS<sup>1</sup>**

Elio Moroni Filho

Grupo de Pesquisa Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica  
Departamento de História da Arte da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil  
Correio eletrônico: moronifilho@hotmail.com.br

---

<sup>1</sup> Artigo aprovado no XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado – CICOP (Brasil, 2014); III Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto (Brasil, 2014); Congresso Internacional “Artes, Patrimônio e Museologia” – VOX MUSEI (Brasil, 2014); I Simpósio Internacional: Patrimônios (Brasil, 2015); IV Congresso Internacional em Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável – PYDES (Brasil, 2015).

## **RESUMO**

Este artigo descreve o uso de artefatos funerários na reconstituição histórica do processo de trabalho em marmorarias instaladas no município de São Carlos (São Paulo, Brasil), no período 1890-1950. Observação direta e registro fotográfico de artefatos funerários, exame de ferramentas de trabalho e utilização de fontes orais permitiram a reconstituição do processo de trabalho. A composição química de fragmentos de artefatos funerários foi determinada por Difração de Raios X e Microscopia Eletrônica de Varredura, evidenciando matérias-primas e sua combinação e uso no processo de trabalho. Considerando-se as etapas produtivas da indústria de rochas ornamentais (extração, serragem e beneficiamento final), os artefatos funerários indicam que as marmorarias inseriam-se na etapa de beneficiamento final. As marmorarias integravam os setores de base técnica artesanal da indústria brasileira, apresentando: baixo grau de concentração de capital e de operários; predomínio da habilidade do ofício especializado; separação pouco nítida entre trabalhadores e instrumentos de trabalho; identificação do trabalhador com o produto. Artefatos de mármore e granito eram destinados a brasileiros de segmentos sociais abastados, durante o início da imigração na cidade de São Carlos (final do século XIX). A partir de 1920, italianos incorporam-se a clientela dos marmoristas, indicando a mobilidade social do imigrante na cidade.

**Palavras-chave:** Patrimônio material, artefatos funerários, ofícios urbanos artesanais, marmoristas.

## **ARTEFACTOS FUNERARIOS COMO FUENTES PARA LA HISTORIA DE OFICIOS URBANOS ARTESANALES**

### **RESUMEN**

En este artículo se describe el uso de artefactos funerarios en la reconstrucción histórica del proceso de trabajo en tiendas de mármol ubicada en el municipio de San Carlos (Sao Paulo, Brasil) en el período 1890-1950. La observación directa y registro fotográfico de artefactos funerarios, el examen de las herramientas de trabajo y el uso de las fuentes orales permiten la reconstitución del proceso de trabajo. La composición química de los fragmentos de artefactos funerarios se determinó por difracción de rayos X y microscopía electrónica de barrido, mostrando las materias primas y su combinación y uso en el proceso de trabajo. Teniendo en cuenta las etapas de producción de la industria de la piedra ornamental (extracción, aserrado y elaboración final), los artefactos funerarios indican que las tiendas de mármol inserían en la etapa final del tratamiento. En tiendas de mármol artesanal integrada técnica de los sectores basados en la industria brasileña, que incluyen: bajo grado de concentración del capital y de los trabajadores; predominio de habilidad artesanal especializada; separación poco clara de los trabajadores y las herramientas de trabajo; identificación del trabajador con el producto. Artefactos de mármol y granito estaban destinados a grupos sociales acomodados en Brasil, durante el comienzo de la inmigración en la ciudad de San Carlos (finales del siglo XIX). A partir de 1920, los italianos están incorporados en la clientela de los talladores, lo que indica la movilidad social de los inmigrantes en la ciudad.

**Palabras clave:** Patrimonio material, artefactos funerarios, artesanías urbanas hechas a mano, trabajadores de mármol.

# FUNERARY ARTIFACTS AS SOURCES FOR THE HISTORY OF URBAN ARTISAN CRAFTS

## ABSTRACT

This article describes the use of funerary artifacts in the historical reconstruction of the work process in marble shops located in the municipality of São Carlos (São Paulo, Brazil) in the period 1890-1950. Direct observation and photographic record of funerary artifacts, examination of work tools and use of oral sources allowed the reconstitution of the work process. The chemical composition of funerary artifacts fragments was determined by X-ray diffraction and scanning electron microscopy, showing raw materials and their combination and use in the work process. Considering the production stages of the ornamental stone industry (extraction, sawing and final processing), the funerary artifacts indicate that the marble shops insertion in the final processing step. The marble shops integrated artisanal technique based sectors of Brazilian industry, featuring: low degree of concentration of capital and workers; predominance of skill skilled craft; unclear separation of workers and working tools; worker identification with the product. Marble and granite artifacts were destined to Brazilian affluent social groups, during the beginning of immigration in the city of São Carlos (late nineteenth century). From 1920, Italians are incorporated into the clientele of carvers, indicating the social mobility of immigrants in the city.

**Keywords:** Material heritage, funerary artifacts, handmade urban crafts, marble workers.

## INTRODUÇÃO

Nas ciências históricas [...] ninguém pode ser visto com seriedade se fizer mistério de suas fontes e falar do passado como se o conhecesse por adivinhação. (Malinowski, 1978).

A literatura histórica brasileira tem reservado pouca atenção aos trabalhadores das oficinas de beneficiamento final de rochas ornamentais (marmoristas). Relativamente a esses artesãos, existe uma historiografia fundamental, apontando para fatores históricos gerais, que condicionaram o surgimento de marmorarias dirigidas por imigrantes italianos, em diversas cidades da região oeste do Estado de São Paulo (Oeste Paulista), no período 1890-1950. Entretanto, nessa bibliografia, as referências aos marmoristas, assim como aos outros trabalhadores da construção civil, são esparsas e vagas, não respondendo às questões abordadas neste artigo. Parecem ser bastante escassos, até onde se conseguiu investigar, trabalhos específicos sobre oficinas artesanais de beneficiamento de mármore e de granito, que desenvolveram suas atividades durante o período indicado acima. A constatação desta lacuna sugere a indagação dos motivos que levaram pesquisadores a reservar tão pouca atenção aos marmoristas. Uma possível explicação pode ser que alguns dos produtos mais expressivos desses artífices – os artefatos funerários –, capazes de identificá-los perante a sociedade, e distingui-los dos outros profissionais da construção, foram confinados em locais estigmatizados pela nossa sociedade: os cemitérios do Estado de São Paulo. Assim, os produtos dos marmoristas – consequentemente, seus produtores – perderam, por assim dizer, a “visibilidade social”.

Este artigo trata do uso de artefatos funerários na reconstituição histórica do processo de trabalho em marmorarias outrora instaladas no município de São Carlos (Estado de São Paulo, Brasil), no período 1890-1950. Relata-se o esforço do pesquisador para contornar os obstáculos impostos pela ausência de fontes documentais e do testemunho direto dos trabalhadores das marmorarias locais, pois pouco resta da história e da memória dos marmoristas que trabalharam e viveram na cidade de São Carlos durante o período referido. Não se trata de opor as fontes escritas aos outros tipos de fontes, mas de ressaltar a importância dos cemitérios como sítios que abrigam fontes relevantes para o conhecimento de ofícios urbanos artesanais, neste caso, o ofício de marmorista.

## CONTEXTO HISTÓRICO

As fontes de pesquisa indicam, conforme se verá adiante, que os artefatos funerários foram elaborados por imigrantes italianos. Essas fontes revelam a imigração como o ponto de articulação entre o campo de observação da pesquisa – o recorte empírico, definido pelos artefatos funerários propriamente ditos – e o campo de investigação – vinculado aos fatores estruturais que condicionaram a presença de imigrantes que exerceram o ofício de marmorista, no município onde se desenvolveu esta pesquisa. Assim, o objetivo desta seção é articular, em linhas gerais, os objetos empíricos – artefatos – à dimensão histórica da sociedade que os produziu, descrevendo, de acordo com a historiografia brasileira clássica sobre o tema, o contexto histórico que favoreceu o advento e o funcionamento de oficinas de marmoraria, dirigidas por imigrantes italianos, no período 1890-1950.

Distinguem-se três níveis distintos de conhecimento e compreensão desse contexto: 1) informações sobre os operários da construção civil no Estado de São Paulo (nível descritivo restrito ao setor industrial estudado); 2) aspectos da estrutura da indústria paulista, no período delimitado para pesquisa (nível descritivo amplo, com a apresentação resumida de algumas estatísticas); 3) conexões entre expansão cafeeira, imigração e formação do mercado de trabalho assalariado (nível explicativo).

No início do século XX, a construção civil integrava os setores de base técnica artesanal da indústria brasileira, os quais apresentavam as seguintes características: dispersão espacial; baixo grau de concentração de capital e de operários; predomínio do uso da ferramenta e da habilidade de um ofício especializado; identificação do trabalhador com o produto resultante de sua habilidade artesanal. No conjunto do país, esse disperso e amplo setor, formado por pequenas empresas de base técnica artesanal, aglutinava o maior número de estabelecimentos industriais (Hardman, Leonardi, 1982).

Nas oficinas e pequenas empresas artesanais, a participação de trabalhadores estrangeiros era bastante elevada, aumentando a partir da abolição da escravatura. Segundo o censo de 1893, realizado na capital de São Paulo, os estrangeiros constituíam 54,6% da população total e um índice ainda maior da força de trabalho. Dos 10241 trabalhadores classificados como artesãos (os marmoristas devem ter sido incluídos nessa categoria), 85,5% nasceram no exterior. Na manufatura, 79% eram imigrantes; nos transportes e setores afins, 81%; no comércio, 71,6%. Excluindo as pesquisas no setor agrícola, os estrangeiros constituíam 71,2% da força de trabalho total da cidade (Maram, 1979).

Até a década de 1920, os imigrantes determinaram a formação do mercado de trabalho, pois a indústria concentrava-se, fundamentalmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde era

elevadíssima a porcentagem de estrangeiros nos diferentes ramos industriais. Em São Paulo, os italianos predominaram na formação da classe operária, concentrando-se em alguns setores de trabalho, entre os quais destacamos a construção civil, setor que tinha três quartos dos seus postos de trabalho ocupados por imigrantes italianos (Hardman, Leonardi, 1982).

A passagem ao trabalho assalariado, e a criação de uma rede de estradas de ferro, de comércio e de serviços, destinada a garantir a expansão e a comercialização do café, criavam novas possibilidades de empregos urbanos, aproveitadas pelos imigrantes italianos. Tendo chegado num momento de transição, isto é, quando a escravidão entrava em crise e se recorria ao trabalho livre, os imigrantes conseguiram inserir-se num contexto urbano ainda *magmático*, que oferecia possibilidades de empregos em fase de gestação e de definição, portanto, ainda não aproveitadas pelos poucos trabalhadores locais. Por longo tempo, os estrangeiros monopolizaram todos os setores do trabalho urbano. Esse fenômeno foi evidente no Estado de São Paulo, onde os italianos inseriram-se em diversos misteres urbanos, entre os quais destacamos os marmoristas, canteiros, pedreiros, cavadores, ferreiros, caldeireiros, marceneiros e alfaiates (Trento, 1989).

Para se compreender a presença do imigrante italiano no Estado de São Paulo (campo/cidade), deve-se considerar o papel do Brasil na divisão internacional do trabalho. Especificamente, deve-se considerar a inserção do Estado de São Paulo nas linhas do comércio internacional, envolvendo a produção cafeeira, a imigração, a formação do mercado de trabalho e o nascimento da indústria (Holloway, 1984).

Na divisão internacional do trabalho, o Brasil assumiu o papel de fonte de produtos tropicais, que a Europa não podia produzir. Durante o século XIX, os centros urbanos europeus e norte-americanos entraram numa fase de industrialização tecnologicamente avançada, acompanhada pela expansão dos grupos de renda média e conseqüente elevação do nível de vida dos trabalhadores. Esses acontecimentos tornaram possível a ampliação dos padrões de consumo de massa, levando a uma crescente demanda de café. O sudeste do Brasil – principalmente, o planalto do oeste de São Paulo – tinha condições topográficas, pluviométricas e térmicas, assim como terras, ideais para o cultivo do café (Holloway, 1984).

A produção brasileira de café cresceu rapidamente, durante todo o século XIX. Durante as décadas de 1870 e 1880, o café tornou-se o centro motor do desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Nessas duas décadas, o rápido crescimento da produção cafeeira foi acompanhado pelo deslocamento do centro geográfico das plantações: a partir de 1870, os planaltos de São Paulo substituíram o Vale do Paraíba. Durante a década de 1880, a produção de São Paulo ultrapassou a produção do Rio de Janeiro, tornando a Província de São Paulo a principal responsável pela expansão cafeeira (Silva, 1976).

A expansão cafeeira – conseqüentemente, a acumulação de capital – era dificultada pela escassez de mão-de-obra escrava, decorrente da queda demográfica dos escravos, assim como das leis que acompanharam a campanha abolicionista. Nessas condições, os fazendeiros paulistas, apoiados pelo governo provincial, voltaram-se para a imigração, como solução do problema da mão-de-obra. Após 1870, o governo da Província de São Paulo encarregou-se de todas as despesas relativas à imigração, isto é, pagamento da viagem de trabalhadores juntamente com suas famílias, além de criar um organismo encarregado de promover a imigração, por meio de agências fixadas em vários países da Europa (sobretudo na Itália). A partir dos anos 1880, a imigração tornou-se massiva (Silva, 1976).

Numa outra direção, podem-se estabelecer ligações entre o café e a indústria, particularmente no que se refere à formação do mercado de trabalho. Graças à imigração massiva europeia iniciada na década de 1880, e destinada inicialmente ao setor cafeeiro, criou-se no Brasil um contingente de trabalhadores livres, que forneceu a força de trabalho necessária ao desenvolvimento da indústria nascente e que se expandiu até a década de 1920. Assim, os imigrantes italianos, trazidos pela expansão cafeeira, representaram a principal base do proletariado paulista, até a década de 1920. A massa de trabalhadores imigrantes, que vem para o Brasil a partir dos anos 1880, representou certamente o mercado consumidor para a indústria nascente, mas representa, antes de tudo, a formação do mercado de trabalho. Esse aspecto é essencial para a compreensão dos verdadeiros laços que unem indústria nascente e economia cafeeira (Silva, 1976).

Dessa forma, os imigrantes fizeram parte da massa anônima de trabalhadores que formaram o mercado de trabalho e, juntamente com outros fatores, viabilizou a acumulação capitalista no período. É entre esses imigrantes que reencontramos os marmoristas locais: artesãos que ajudaram a formar o mercado de trabalho urbano, inserindo-se no setor industrial urbano em formação, por meio de pequenas empresas artesanais, que ofereciam seus produtos e seus serviços às populações locais, às elites enriquecidas pelo café e, mais tarde, aos imigrantes bem-sucedidos no comércio e na indústria.

## **A RECONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DAS MARMORARIAS DO PERÍODO 1890-1950**

O conhecimento do processo de trabalho dos marmoristas do passado exigiu que o pesquisador frequentasse os mesmos locais onde trabalharam aqueles marmoristas. Por isso, o cemitério municipal Nossa Senhora do Carmo, situado na cidade de São Carlos (SP), foi visitado inúmeras vezes. Inaugurado em 1890, aquele cemitério guarda a maior parte do que resta do trabalho dos marmoristas, tendo sido de extrema relevância para a reconstituição histórica de aspectos do processo de trabalho nas marmorarias locais: os artefatos funerários permitem a percepção dos saberes profissionais dos artesãos que os construíram. Assim, o cemitério já não tem apenas o estatuto de local consagrado à inumação de cadáveres, mas passa a ser visto da perspectiva de um rico sítio arqueológico urbano, abrigando diferentes objetos (artefatos de pedra, fotografias, nomes, etc.) que contam a história da cidade e de seus habitantes. E, para o caso da pesquisa relatada neste artigo, corporificam, como se pode dizer, a cultura material dos marmoristas.

Ressalta-se que cemitério foi referência para a delimitação do período 1890-1950. Na cidade de São Carlos, não foram encontrados registros de atividades de marmoristas anteriores a 1890. Mas, é possível que esses registros tenham existido, também sob a forma de artefatos funerários, pois o Cemitério Nossa Senhora do Carmo foi precedido pelo extinto Cemitério de São Carlos, mencionado no *Regulamento para o cemitério da cidade de São Carlos do Pinhal*, decretado pela assembleia legislativa da então província de São Paulo, em 22 de maio de 1882 (São Paulo, 1882, p. 183). Por outro lado, não foram encontrados artefatos que pudessem indicar a continuidade – após 1950 – das atividades dos artesãos e das oficinas locais identificados entre a última década do século XIX e as primeiras cinco décadas do século XX. Com efeito, a totalidade da pesquisa de campo revelou que as oficinas locais existiram apenas durante o tempo de vida de seus proprietários ou de seus descendentes de primeira geração, o que pode tornar os artefatos funerários documentos complementares para pesquisas de mobilidade ocupacional intergeracional do imigrante, admitindo-se a hipótese de

que filhos e netos de marmoristas tornaram-se bem sucedidos em outros ramos de atividades e/ou alcançaram maior nível de escolaridade, dedicando-se a profissões menos perigosas e insalubres do que as de seus pais e avós. A seguir, descreve-se o cemitério Nossa Senhora do Carmo, bem como os procedimentos de observação e de coleta de material naquele local.

O referido cemitério situa-se no extremo norte do perímetro urbano do município de São Carlos, ocupando um terreno de aproximadamente seis alqueires, cercado por muros. O cemitério possui uma entrada na Avenida São Carlos, cujos portões habitualmente o pesquisador atravessou para realizar a coleta de dados, a qual consistiu na extração de pequenos fragmentos de artefatos funerários, tais como porções de argamassa e de enxofre, assim como pedaços de cobre e de ferro, utilizados pelos marmoristas na elaboração dos objetos. Para evitar a danificação de artefatos em bom estado de conservação, as amostras foram extraídas de objetos já bastante deteriorados pela ação do tempo, dos vândalos e dos ladrões de túmulos.

As amostras foram enviadas ao Centro de Caracterização e Desenvolvimento de Materiais (CCDM), da Universidade Federal de São Carlos, onde foram identificados os elementos químicos presentes em cada amostra, através das técnicas de Difração de Raios X (DRX) e Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV). As análises de Raios X forneceram informações sobre matérias-primas e conhecimentos técnicos utilizados pelos marmoristas na última década do século XIX. A pesquisa de campo foi realizada no setor existente desde a fundação do cemitério, que abriga artefatos elaborados entre os anos 1890 e 1950, período delimitado para a realização da primeira etapa desta pesquisa. Caminhando-se pelas ruas e corredores daquele setor, conseguiu-se identificar artefatos produzidos por marmoristas da cidade de São Carlos.

A observação *in loco* dos artefatos funerários revelou a existência de assinaturas no mármore – algumas quase apagadas pelo tempo – e de plaquetas de metal (principalmente, bronze) com nomes de artesãos e endereços de oficinas. Graças a elas, foi possível identificar os autores dos artefatos funerários, uma vez que todos estão mortos e seus estabelecimentos, extintos. Assim, foram identificados, respectivamente, quatro marmoristas e cinco canteiros atuantes no município de São Carlos, no período 1890-1950: A. Transilli, Manoel Sanchez, Aurélio Sanchez, Secchiari, Bruno de Francisco, Prassitile Baccarin, Orlando Buglian, Adelino Buglian e Ferrari. Além de identificarem os marmoristas e canteiros locais, as inscrições no mármore e as plaquetas indicam a nacionalidade dos artesãos. Percebe-se, então, a origem italiana de quase todos os sobrenomes identificados acima, com exceção de Sanchez, que, conforme o nome permite supor e foi averiguado posteriormente, era imigrante espanhol.

Convém registrar que no cemitério Nossa Senhora do Carmo observou-se a existência de artefatos provenientes de outras oficinas, situadas em diversos municípios do Estado de São Paulo. Embora essas oficinas não constituam alvo deste artigo, transcrevem-se seus nomes para reforçar a afirmação de que a maioria dos marmoristas, que exerceram esse ofício entre 1890 e 1950, nos diversos municípios do planalto paulista, foi de imigrantes italianos e/ou descendentes de italianos. Os números, colocados entre colchetes, referem-se à data do primeiro epitáfio de cada artefato e provavelmente indicam o ano aproximado da elaboração do objeto: **Luiz Fazzi**. Amparo. [1893]; **Irmãos Tonetti**. Mármore e granitos. Rua Prades, 23. São Paulo. [1971]; **Lombardi**. Fundidor. [1931]; **M. Tavolaro**. Mármore e granitos. Rua Consolação, 98. São Paulo. [1925]; **A. Ventura & Cia**. Rua Anna Nery, 63. São Paulo. [1919]; **F. Martinelli & Irmão**. São Paulo. [1890]; **P. Nelez** [há um terceiro nome ilegível]. [1888]; **M. Velez**. Rua General Ozorio, 832. Campinas. [1930]; **Marmoraria Carrara**. **Luiz**

**Leonardi.** Araras-Piracicaba. [1932]; **Eugenio Prati.** **Escultor.** Rua Conego Eugenio Leite, 192. [1932]; **G. Starace.** **Scultore.** S. Paulo. [1927]; **Marmoraria e Cantaria Irmãos Coluccini.** Escultor Prof. Lelio Coluccini. Rua General Osorio, 752. Campinas. Teleph. 2691. [1942]; **Marmoraria Carrara.** **Luiz Leonardi & Cia.** Rua Coronel Justiniano, 243. Araras-L. Paulista. [1941]; **Nova Marmoraria Progresso.** **Amleto Belloni.** Rua Saldanha Marinho, 57. Ribeirão Preto. [1950]; **S. H. Peragallo.** Marmorista. Rio Claro. [1903].

Este conjunto permite perceber a dispersão espacial dos estabelecimentos, característica que parece marcar, desde o final do século XIX até os dias de hoje, o setor de beneficiamento final de mármore e de granito, no Estado de São Paulo. Além disso, essas fontes confirmam a preponderância do imigrante italiano na produção de escultura e de arquitetura funerárias, bem como a ocorrência em escala regional desse fenômeno, tornando possível entrever toda uma rede de relações profissionais que ainda está por ser estudada. Através desses elementos, poder-se-ia traçar a geografia da indústria de mármore e granitos no interior do Estado de São Paulo, durante o período que abrange a última década do século XIX e as cinco primeiras décadas do século XX.

Após a identificação de artefatos produzidos por marmoristas locais, os procedimentos de pesquisa resumiram-se na observação cuidadosa dos objetos, na produção de fotografias (utilizadas como documentos de prova) e na coleta de fragmentos de materiais utilizados na produção dos objetos. A maioria dos artefatos não recebe cuidados específicos para sua conservação, apresentando condições precárias e estando exposta ao desgaste natural provocado pelos agentes da natureza, à poluição urbana, ao ataque de ladrões e de depredadores. Cabe destacar, pela interferência ao trabalho de pesquisa, a ação de pessoas que depredam os artefatos, quebrando lápides e furtando objetos de bronze. A ação dos vândalos e dos saqueadores de túmulos constituiu obstáculo ao trabalho de coleta de dados, uma vez que artefatos elaborados no período delimitado para esta pesquisa são alvos desses indivíduos, sendo que algumas lápides quebradas e alguns objetos roubados dificultaram a datação (pelas datas dos epitáfios) dos artefatos e a identificação dos marmoristas autores dos objetos.

Entretanto, obras assinadas, contendo os nomes completos dos marmoristas e até mesmo os endereços das marmorarias, tornaram possível a localização de parentes e amigos daqueles artesãos. O nome foi, dessa maneira, o fio condutor da atividade subsequente da pesquisa de campo, que visou o estabelecimento de contato direto com parentes e amigos dos marmoristas locais. Estas considerações remetem ao método onomástico. Como assinala o historiador Carlo Ginzburg (1989), o nome pode ser um importante veículo condutor da pesquisa de campo, uma vez que permite, através da busca de fontes diversas sobre o indivíduo em questão, reconstituir, embora de maneira fragmentada, a biografia desse indivíduo em suas relações com o ambiente que o circunda. Assim, a partir das assinaturas dos marmoristas nos artefatos funerários, foram identificadas testemunhas oculares que tiveram contato direto com marmoristas do período 1890-1950. Essas testemunhas – esposas, filhos, netos e amigos dos marmoristas – colaboraram com a pesquisa, permitindo a gravação de depoimentos orais e emprestando documentos e objetos ao pesquisador, aproximando o presente estudo da História Oral Temática, segundo a definição de Meihy (1996, p. 41): tratamento de assuntos específicos e preestabelecidos, valendo-se da narrativa de quem presenciou os acontecimentos estudados pelo pesquisador.



## O “SABER FAZER” DOS MARMORISTAS

O exame do artefato “Rachella Laccativa” (Figura 1), datado de 1897, revela as técnicas e as matérias-primas utilizadas pelos marmoristas do período em estudo.

**Figura 1. Cemitério Nossa Senhora do Carmo. Artefato “Rachella Laccativa”. Ca. 1897.**



Fonte: Elio Moroni Filho (maio de 2006).

A seleção do artefato obedeceu aos critérios seguintes: o objeto foi elaborado durante o período estudado (1890-1950), sendo representativo dos artefatos elaborados entre 1890 e 1920, no que diz respeito aos materiais e técnicas empregados em sua construção (vistos adiante); o artefato é de pequeno porte – 1.67m de altura, atualmente – e está mal conservado, facilitando a observação minuciosa das etapas sucessivas de sua construção. Ao elaborar o artefato, o artesão anônimo utilizou materiais com função estrutural (tijolo e mármore estatuário branco), materiais com função de revestimento e decoração (mármore estatuário branco e cinza) e materiais para a ligação das pedras entre si (argamassa, enxofre e gatos/cavilhas de ferro). Foram coletados fragmentos desses materiais, cuja composição química foi determinada por meio das técnicas de Difração de Raios X (DRX) e Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV). A especificação dos elementos químicos – presentes em cada amostra – evidencia as matérias-primas disponíveis para o trabalho dos marmoristas, assim como sua combinação e uso no processo de trabalho.

Na amostra de tijolo, a técnica de Difração de Raios X (DRX) revelou a presença de quartzo ( $\text{SiO}_2$ ), fosfato hidratado de cálcio ( $\text{CaH}_4(\text{PO}_3)_2 \cdot \text{H}_2\text{O}$ ), calcita ( $\text{CaCO}_3$ ), hematita ( $\text{Fe}_2\text{O}_3$ ) e ortoclásio ( $\text{KAlSi}_3\text{O}_8$ ). Esses componentes indicam tratar-se de uma mistura de argila (ortoclásio e hematita), areia (quartzo) e uma fase ligante do tipo cimento (calcita e fosfato hidratado de cálcio). Amostra de argamassa (Figura 2) também foi submetida à análise de Difração de Raios X (DRX). A variação do ângulo de incidência do feixe de Raios X, através da rotação da amostra, revelou que as chapas de mármore aderiam a uma espécie de

argamassa, utilizada pelos marmoristas, composta pelos seguintes elementos: quartzo ( $\text{SiO}_2$ ), calcita ( $\text{CaCO}_3$ ), aragonita ( $\text{CaCO}_3$ ) e etringita ( $\text{Ca}_6\text{Al}_2(\text{SO}_4)_3(\text{OH})12.26\text{H}_2\text{O}$ ). De acordo com essas fases, a argamassa foi preparada com areia (quartzo) e cimento (calcita, aragonita e etringita).

**Figura 2. Cemitério Nossa Senhora do Carmo. Artefato “Rachella Laccativa”. Amostra de argamassa. Ca 1897.**



Fonte: Elio Moroni Filho (junho de 2006).

A Figura 3 documenta os gatos (*a* e *b*) e cavilha (*e*) de ferro, extraídos do artefato “Rachella Laccativa”. Os gatos foram parcialmente destruídos pela corrosão, perdendo seu formato original. Para compensar essa lacuna, foram resgatados gatos de cobre (*c* e *d*) de outro artefato (datado de 1901), elaborado com as mesmas técnicas do artefato “Rachella Laccativa”. Os gatos de cobre (*c* e *d*) parecem indicar, de maneira fidedigna, o formato original de *a* e *b*. Note-se a camada de azinhavre (hidrocarbonato de cobre), cobrindo toda a superfície do ligador *c*, formada pela exposição do cobre ao ar e à umidade. O ligador *d* foi submetido a um processo de lavagem, que devolveu parte de sua coloração original. Ainda na Figura 3, *e* representa a cavilha extraída do artefato “Rachella Laccativa”. Apesar de estar bastante corroída, a cavilha mantém o formato original de haste cilíndrica, que caracteriza esse tipo de ligador metálico. A Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV) identificou a presença de ferro (Fe), na amostra de gato de ferro (*b*). Também foram identificados enxofre (S) e silício (Si), aderidos a uma parte da superfície da amostra. Como se verá a seguir, os marmoristas empregavam enxofre e areia (quartzo) para proteger os ligadores metálicos da ação do tempo. Provavelmente, a presença de argila (silício) deve-se à substituição da areia – que era acrescentada ao enxofre – pela argila (silício) encontrada na amostra.

**Figura 3. Cemitério Nossa Senhora do Carmo. Gatos e cavilha de ferro (a, b, e): Ca. 1897. Gatos de cobre (c, d): Ca. 1901.**



Fonte: Elio Moroni Filho (junho de 2006).

Fragmentos de enxofre (S) (Figura 4) foram retirados da cavidade que abrigava o gato de ferro. Nessa amostra, a Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV) indicou a presença de enxofre (S), silício (Si), alumínio (Al) e quantidades pequenas de titânio (Ti) e ferro (Fe). O enxofre (S) soma aproximadamente 90% da composição, sendo que o restante parece ser composto por alguma argila (silício, alumínio e titânio). O marmorista local utilizou uma mistura de enxofre fundido e argila, para proteger os ligadores metálicos (gatos e cavilhas) da ação do tempo. Essa técnica – comum entre os marmoristas e canteiros no final do século XIX e início do século XX – é descrita por Segurado (s.d.).

**Figura 4. Cemitério Nossa Senhora do Carmo. Artefato “Rachella Laccativa”. Amostra de enxofre. Ca 1897.**



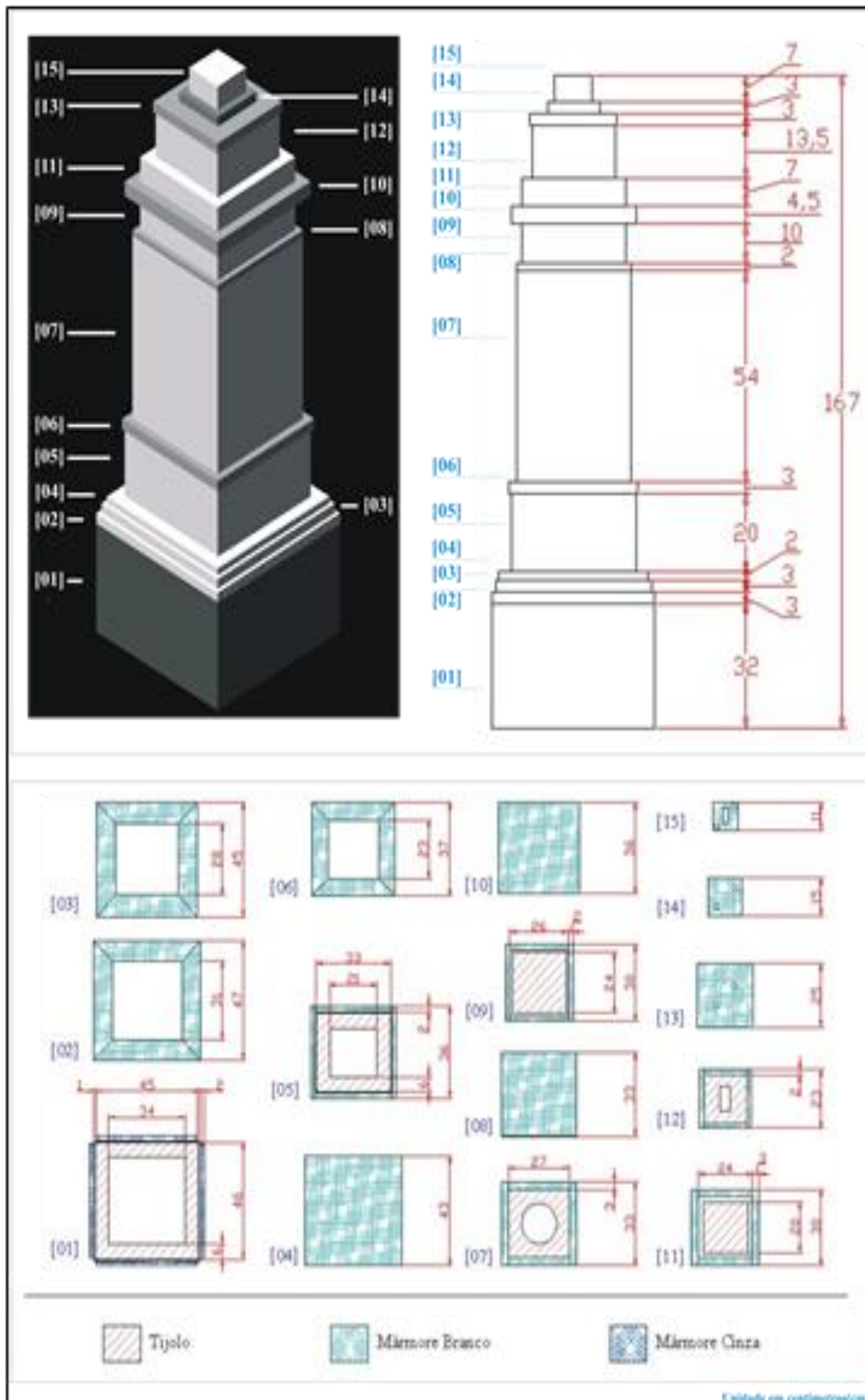
Fonte: Elio Moroni Filho (junho de 2006).

Note-se que o uso de argila, ao invés de areia, parece ter sido uma variação da técnica, pois Segurado (s.d.) afirma ser a areia o componente que, misturado ao enxofre em fusão, forma o composto utilizado para a proteção dos gatos de cobre ou de ferro:

para gatear as pedras entre si usam-se os gatos que podem apresentar diversas formas [...] em cada uma das pedras a ligar-se abre-se uma caixa ou mécha sutalhada, um pouco mais profunda que a grossura do gato. Colocado este no seu logar vaza-se sobre elle o chumbo, derretido préviamente n'uma colher de ferro ou uma calda de cimento ou ainda uma mistura de enxofre em fusão e areia; estes materiaes protegem o gato da acção do tempo [...]. (Segurado, s.d., p. 16-17).

A Figura 5 é uma representação gráfica do artefato “Rachella Laccativa”, cujo objetivo é mostrar como diferentes materiais foram combinados na elaboração do objeto.

Figura 5. Cemitério Nossa Senhora do Carmo. Artefato “Rachella Laccativa”.  
 “Desconstrução gráfica” do artefato.



Fonte: Elio Moroni Filho (junho de 2006).

A representação tridimensional auxilia a percepção dos planos e dos volumes do objeto, enquanto a vista frontal mostra a altura de cada peça que compõe o artefato. As unidades de medida foram calculadas em centímetros, correspondendo às medidas aproximadas do objeto. Na parte inferior da Figura, os cortes numerados de 01 a 15 são, por assim dizer, a “desconstrução gráfica” do artefato, revelando os procedimentos construtivos adotados pelo marmorista. O artefato é formado por quinze peças sobrepostas, que foram unidas com argamassa, enxofre e ligadores metálicos (gatos e cavilhas de ferro). O corte número 1 representa a base do artefato, formada por uma estrutura quadrangular de tijolos *burros*. Nessa peça, as chapas de mármore estatuário cinza constituem elementos de revestimento, aderindo a uma fina camada de argamassa (aproximadamente, 1cm de espessura) colocada entre os tijolos e as chapas.

Os cortes 2 e 3 representam barras espessas de mármore estatuário branco, que foram unidas por gatos de ferro. Essas peças possuem duas funções: estética, definindo planos distintos no objeto; estrutural, formando, juntamente com a peça 1, a base de sustentação das outras peças do artefato. O corte 12 representa a peça composta por quatro pequenas chapas de mármore branco, que foram unidas por gatos de ferro, ajustando-se à estrutura de tijolos formados pela mistura de argila (ortoclásio e hematita), areia (quartzo) e uma fase ligante à base de cimento (calcita e fosfato hidratado de cálcio). Os tijolos parecem impedir que as chapas sejam esmagadas pelas cargas das peças sobrepostas. A pequena estrutura quadrangular de tijolos possui um vão, conforme indicado no desenho.

Combinando mármore e granito com outros materiais, por meio de técnicas construtivas vigentes em sua época – exemplificadas no artefato “Rachella Laccativa” (Figuras 1 a 5) – os marmoristas do passado “materializaram” seu “saber fazer” nas obras que marcam sua passagem pela cidade, elaborando artefatos que fazem uso da rocha ora como elemento estrutural ora como elemento de revestimento e decorativo.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Esta pesquisa assemelha-se à imagem de um mosaico, sendo que cada peça contribuiu para a compreensão geral do quadro. Foram recolhidos fragmentos de artefatos relegados – durante muito tempo – ao esquecimento e ao descaso. Juntando e organizando esses fragmentos, compôs-se esse mosaico, cujo tema é a passagem dos marmoristas pela cidade de São Carlos (SP), desde a última década do século XIX até 1950. É possível ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro e suas relações uns com os outros. Se o mosaico permanece incompleto, devido à perda irreparável de algumas de suas peças, o quadro é suficiente para evocar e tornar visíveis os trabalhadores do passado, fazendo *falar* por eles as suas obras e aqueles que ainda sobrevivem à sua passagem.

Com efeito, não se teve acesso direto aos marmoristas do passado e às suas oficinas, extintos há muito. No entanto, o pesquisador pôde contar com as reminiscências de amigos e parentes dos marmoristas do passado, bem como com os artefatos que sobreviveram à passagem do tempo e que foram utilizados para a reconstituição das etapas do processo de trabalho nas marmorarias (1890-1950). Essas fontes parecem indicar, deixando pouco espaço para dúvidas: considerando as três etapas do ciclo produtivo do mármore e do granito (extração, serragem e beneficiamento final), as marmorarias inseriam-se, durante o período abrangido por este estudo, no conjunto de estabelecimentos que atuavam na terceira principal etapa do ciclo produtivo, elaborando produtos finais a partir de chapas brutas e/ou semi-elaboradas,

fornecidas por terceiros (Alencar, 1996). No que diz respeito ao processo de trabalho, as fontes – articuladas ao contexto histórico do período – indicam que as marmorarias locais integravam, durante o período 1890-1950, os setores de base técnica artesanal da indústria brasileira.

No início do século XX, esses setores eram caracterizados por: baixo grau de concentração de capital e de operários; predomínio do uso da ferramenta e da habilidade de um ofício especializado, ao invés da máquina; separação pouco nítida entre trabalhadores e instrumentos de trabalho; identificação do trabalhador com o produto, como resultado de certa habilidade artesanal. Nesse sentido, os artefatos funerários, as ferramentas e outros materiais, coletados durante a pesquisa de campo, indicam que o processo de trabalho era artesanal, nas marmorarias locais. O trabalho dependia da força e da habilidade do marmorista no manejo das matérias-primas e instrumentos de trabalho: os trabalhadores utilizavam intensamente as mãos, produzindo artefatos que não eram únicos, mas jamais eram idênticos a outros artefatos criados com a mesma finalidade pelo mesmo trabalhador.

As observações, realizadas no cemitério Nossa Senhora do Carmo, também mostraram que os artefatos funerários, elaborados pelos marmoristas locais, eram destinados a brasileiros de segmentos sociais abastados, no período que marca o auge da imigração na cidade de São Carlos (final do século XIX). Nesse período, as sepulturas dos imigrantes eram construídas com materiais de qualidade inferior (alvenaria de tijolos, com pouca ou nenhuma utilização de pedras ornamentais de revestimento e esculturas), comparadas aos artefatos que os artesãos executavam para a elite cafeeira local. A partir da década de 1920, famílias de origem italiana passaram a fazer parte da clientela dos marmoristas, sugerindo, com gradações variadas, a mobilidade social do imigrante na cidade. Inseridos na história, esses artefatos passam a ser tratados – em seus aspectos técnicos (os que mais nos interessam neste artigo), plásticos e simbólicos – como suportes materiais dos valores e da organização da sociedade local.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, C. R. A. (Coord.). *Tecnologias de lavra e beneficiamento de rochas ornamentais*. Fortaleza: Instituto Euvaldo Lodi, 1996.
- GINZBURG, C.; CASTELNUOVO, E.; PONI, C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- HARDMAN, F. F.; LEONARDI, V. *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20*. São Paulo: Global, 1982.
- HOLLOWAY, T. H. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- MALINOWSKI, B. K. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARAM, S. L. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SÃO PAULO (Estado). São Paulo (cidade). *Collecção de leis e posturas municipais promulgadas pela Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo no anno de 1882*. Secretaria do Governo da Provincia de São Paulo, São Paulo, 1882. p. 183-187.
- SEGURADO, J. E. S. *Alvenaria e cantaria*. Lisboa: Bertrand, s.d.
- SILVA, S. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel/Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, 1989.

© Copyright Elio Moroni Filho y Revista *GeoGraphos*, 2016. Este artículo se distribuye bajo una Licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional.



**GIECRYAL**  
GRUPO INTERDISCIPLINARIO DE  
ESTUDIOS CRÍTICOS Y DE AMÉRICA LATINA